

“Não vivi tudo o que escrevo, mas observo”

AFFONSO NUNES

O poeta e ensaísta americano Ezra Pound (1895-1972) disse certa vez que “o poeta é a antena da raça”. O também poeta, romancista, dramaturgo, produtor musical e compositor popular Paulo César Pinheiro sintetiza esta assertiva, mas gosta de dizer que recebe um caboclo toda vez que está criando. “Me defino com um observador da alma, da vida. Enquanto estou fazendo música, sou um compositor. Em determinado momento isso para dentro de mim. Aí muda de caboclo, baixa outro. Quando não é poesia de livro, é de música, de trilha sonora. Ou teatro, romance. Eu fico imerso nisso o tempo inteiro, esperando que venha o caminho que for. Não tenho pressa”.

O trecho acima é parte de uma reportagem que feita por este repórter com este poeta da canção popular. No escritório de seu apartamento em Laranjeiras, cercado de cadernos amarelos, dicionários de yorubá e nagô, dezenas de melodias de parceiros aguardam por letras. “Enquanto estou fazendo música, sou um compositor. Em determinado momento isso para dentro de mim. Aí muda de caboclo, baixa outro. Quando não é poesia de livro, é de música, de trilha sonora. Ou teatro, romance. Eu fico imerso nisso o tempo inteiro, esperando que venha o caminho que for”, detalha.

Essa definição — observador — é a chave para entender uma obra que, aos 76 anos, acumula dois mil composições, mais de mil e quinhentas gravadas, 10 livros publicados, 17 manuscritos inéditos em casa e algo em torno de 600 letras prontas aguardando parceiros.

Ao lançar “Paulo César Pinheiro: O Poeta de Todos Nós” nesta terça-feira (24) na Livraria Travessa do Leblon, Júlio Diniz nos brinda com uma fotobiografia que revela como funciona uma mente criativa que não separa beleza de urgência, forma de conteúdo, poesia de política.

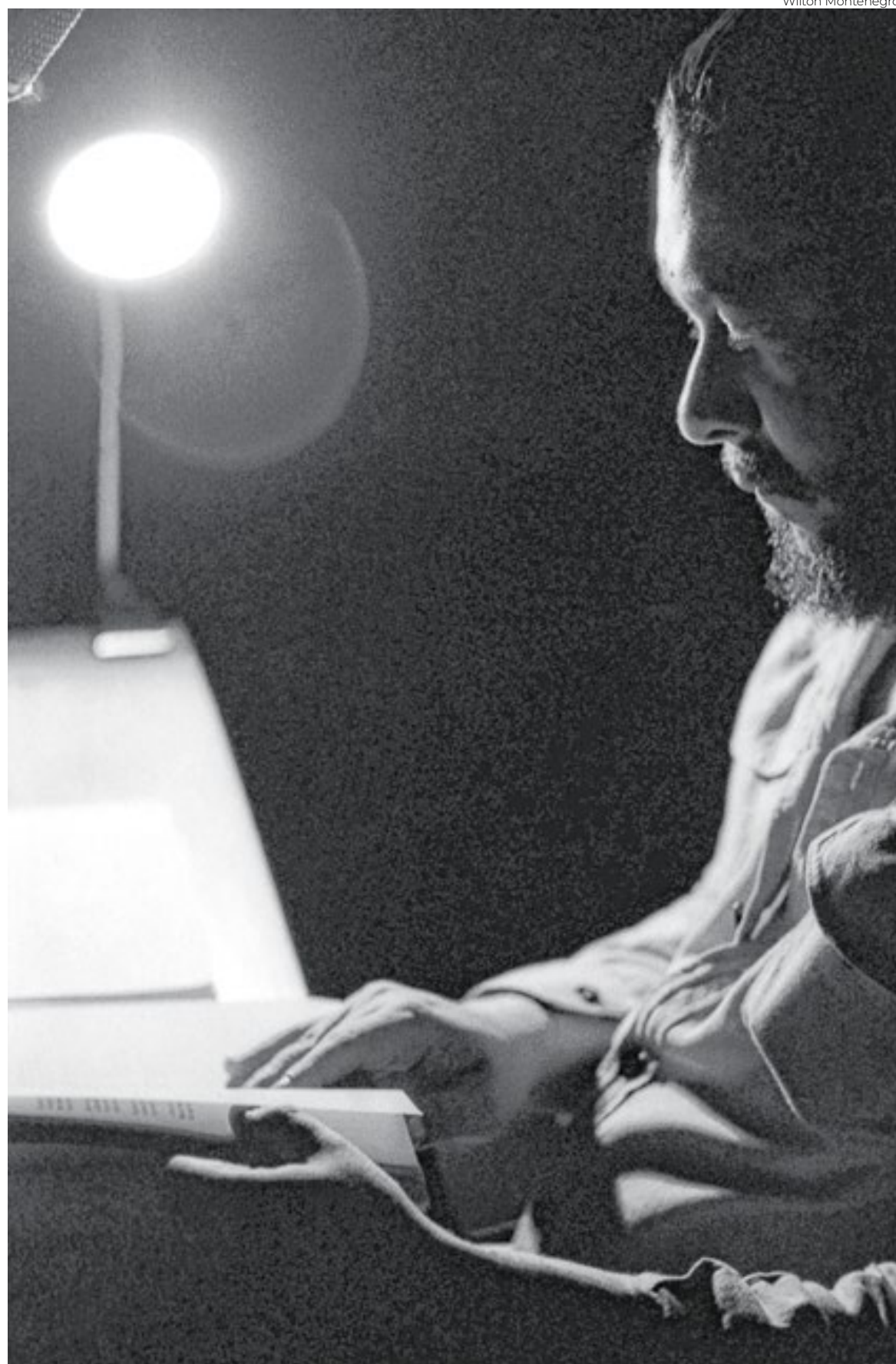
Organizada com colaboração de Conceição Campos (autora de “A Letra Brasileira de Paulo César Pinheiro”) e do pesquisador Rodrigo Alzuguir, reúne imagens, cronologia e depoimentos de artistas que foram parceiros diretos — Dori Caymmi, Francis Hime, Ivan Lins, Lenine e Luciana Ra-

bello, a esposa do compositor. “Seu coração é o mapa do Brasil”, define a campamheira em seu depoimento. “Paulinho sabe tudo, é um erudito do Brasil profundo — acho que não há música, dança, comida, palavra, planta ou bicho do Brasil que ele não conheça”, completa Joyce Moreno. Para Lenine, o compositor “é Fernando Pessoa reencarnado”.

A imensa obra de Pinheiro não pode ser entendida isoladamente, pois existe em diálogo permanente com a nossa canção popular, com a história política do país, com a tradição do samba e com a experimentação da MPB.

O processo criativo de Pinheiro é sistemático, quase antropológico. Durante a entrevista de 2018, abriu um caderno de capa amarela para explicar: “Aqui estão anotações de ideias que me surgem. Versos esparsos, situações que vislumbro na rua, num bar, em qualquer lugar, frases que escuto. Não vivi tudo o que escrevo, mas observo”, revelou na ocasião. “Eu me fecho aqui para ouvir essas melodias, escrever, consultar as anotações. E isso não tem hora para acontecer. Pode ser no meio da tarde ou de madrugada. Minha mulher colocou uma cama aqui para mim. Costumo dizer que eu moro nesse escritório e as outras pessoas no resto da casa”, completou.

A densidade intelectual de Pinheiro revela-se em composições como “Canto das Três Raças”, em parceria com Mauro Duarte — eternizada por Clara Nunes, sua primeira esposa (casados de 1975



Paulo César Pinheiro: ‘Me defino como observador da alma, da vida’

até sua morte precoce em 1983). A letra não é apenas um lamento na história brasileira, mas sua narração por meio do sentimento de dor: “Negro entou um canto de revolta pelos ares / No Quilombo

dos Palmares, onde se refugiou. / Fora a luta dos inconfidentes / Pela quebra das correntes. / Nada adiantou.”

Sua criação musical começou aos 14 anos com João de Aqui-

no, compondo “Viagem”. Seu primeiro sucesso, “Lapinha”, nasceu de um verso tradicional do samba de roda dos capoeiristas de Santo Amaro — “Quando eu morrer / Me enterre na lapinha

Wilton Montenegro